

Uma memória silenciada: as lutas dos trabalhadores de Niterói

A silenced memory: the struggles of Niterói's workers

Samantha Viz Quadrat*

Resenha do livro: AMARAL, Luciana Pucu Wollmann do. **Niterói operária:** trabalhadores(as), políticas e lutas sociais na antiga capital fluminense (1942-1964). Rio de Janeiro: Aperj/Ioerj, 2023.

Palavras-chave: classe operária; luta sociais; Niterói.

Keywords: working class; social struggles; Niterói.

OS ESTUDOS SOBRE a história fluminense já ocuparam uma posição de grande destaque nas principais instituições de pesquisa do Rio de Janeiro. Por meio de temas que abrangem diferentes períodos históricos — como escravidão, urbanização e industrialização, imigração, mundos do trabalho, partidos políticos, entre outros — foi-se constituindo uma linha de pesquisa que, até a década de 1990, era referência de uma produção historiográfica própria do estado do Rio de Janeiro. Contudo, no início do século XXI, vivemos um hiato devido à falta de uma produção constante — algo que tem sido revertido nos últimos anos.

O livro *Niterói operária: trabalhadores(as), política e lutas sociais (1942-1964)*, de Luciana Pucu Wollman do Amaral, vencedor do Concurso de Monografias de 2021 promovido pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj), soma-se ao que hoje podemos apontar como uma renovação dos estudos fluminenses sobre o século XX, na qual mundos do trabalho é um de seus principais protagonistas. Esse movimento tem sido incentivado pela renovação geracional de pesquisadores e docentes, bem como pela criação e consolidação de Programas de Pós-Graduação em História, como

* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (2005). Atualmente é professora associada de História da América Contemporânea da Universidade Federal Fluminense, onde atua no Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI). Tem experiência na área de História Latino-Americana, com ênfase nas últimas ditaduras e processos de redemocratização, atuando principalmente nos seguintes temas: memória, violência política, direitos humanos, lugares de memória e consciência, ensino de História, biografias, história do tempo presente, juventudes e HIV e aids.

os da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio) e da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

A tese de doutorado, defendida em 2016 no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas – um dos primeiros centros de referência sobre a história fluminense, com grande impacto nos anos 1990 –, transforma-se agora em livro, permitindo ao leitor compreender as lutas dos trabalhadores fluminenses, mais especificamente da cidade de Niterói.

Não é algo novo na trajetória de Luciana do Amaral, que já vem dedicando suas pesquisas acadêmicas aos estudos dos trabalhadores fluminenses desde a graduação em História na Universidade Federal Fluminense. Os anos de investimento se traduzem numa publicação de qualidade, densidade e rigorosa análise de um conjunto diverso de fontes, sobre o qual voltaremos a falar mais adiante. A obra também marca o crescimento da presença de pesquisadoras mulheres em um campo que, durante muito tempo, teve majoritariamente a atuação de pesquisadores homens.

Niterói, cidade-alvo da pesquisa, acabou sendo mais conhecida por sua proximidade com o Rio de Janeiro, especialmente após a construção da ponte Presidente Costa e Silva, inaugurada em março de 1974, como um dos símbolos da pretensa modernização promovida pela ditadura civil-militar. Contudo, até 1975, Niterói foi capital do estado do Rio de Janeiro, quando ocorreu a fusão com o estado da Guanabara, formando a atual configuração.

Um dos méritos que se sobressaem nas pesquisas de *Niterói operária*, além da já mencionada inserção nos estudos fluminenses, é o recorte temporal. Em tempos de primazia das pesquisas sobre o impacto da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985) – especialmente na perseguição a trabalhadores e trabalhadoras, com a implicação de empresas e empresários na repressão e na construção do Estado autoritário –, a escolha por abordar os anos entre 1942 e 1964, encerrando-se, portanto, com o golpe de 31 de março, demonstra originalidade. O recorte também indica ao leitor como os anos prévios de organização e lutas sociais foram interrompidos pelo golpe. Nesse sentido, acredito cada vez mais que devemos voltar nosso olhar para aquilo que a ditadura interrompeu na trajetória brasileira, e não apenas para o que o regime construiu ao longo dos 21 anos no poder.

Por meio dos quatro capítulos que compõem o livro, conhecemos as lutas do forte movimento operário de Niterói, suas principais demandas, bem como a própria cidade, marcada pela fundação do Partido Comunista, em 1922, que, mesmo na clandestinidade, permaneceu atuante na vida política niteroiense. Da mesma forma, através do livro que o leitor tem em mãos, é possível compreender como uma memória positiva sobre Amaral Peixoto e Roberto da Silveira se construiu e se mantém até os dias de hoje. A Niterói de Luciana do Amaral é uma Niterói viva. Uma cidade que integrava o que os militares classificaram como “cinturão vermelho”, expressão usada para designar áreas consideradas subversivas em diferentes

regiões do Brasil. Neste caso, a cidade se somava a Magé, São Gonçalo, Duque de Caxias, São João de Meriti, Petrópolis, Nova Iguaçu, Nilópolis e Itaguaí.

Além disso, a Niterói apresentada no livro é uma cidade fabril, com destaque para as indústrias têxtil, naval, de bens de consumo e alimentícia. É também, como identifica a autora, a cidade dos trabalhadores da construção civil e do transporte. Ainda que o estudo não se debruce diretamente sobre cada um desses setores, ele nos permite conhecer algumas de suas características, a origem social dos trabalhadores, como se organizavam institucionalmente em sindicatos e os veículos utilizados para a comunicação de suas lutas sindicais e políticas. Um outro cuidado da autora, que merece destaque, é a sensibilidade ao incluir mulheres e crianças em sua análise.

É essa efervescência que o golpe interrompe desde os primeiros dias, como se verifica na invasão do Sindicato dos Operários Navais de Niterói e São Gonçalo, localizado até hoje no bairro do Barreto, e no uso do Complexo Esportivo Caio Martins para a prisão de presos políticos, majoritariamente trabalhadores, dirigentes e advogados sindicais. Não por acaso, em 19 de outubro de 2010, quando a Caravana da Anistia esteve em Niterói, os principais testemunhos foram de trabalhadores; a eles também foi endereçado o pedido de perdão do Estado brasileiro.

Outro mérito do trabalho consiste no conjunto diverso de fontes utilizadas, algumas mais recentes, como o relatório da Comissão da Verdade de Niterói, produzido na década de 2010, além de entrevistas de história oral feitas pela autora ou sob a guarda de instituições como o Laboratório de História Oral e Imagem (LABHOI) da Universidade Federal Fluminense. A esse material acrescentam-se ainda publicações como jornais da época, documentos do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, do *Brasil: nunca mais*, dentre outros.

Devo aqui apontar ao leitor desta resenha que estudar a história de Niterói é um grande desafio, dada a ausência de um arquivo municipal. A documentação é bastante dispersa e, em muitos casos, perdida. Trata-se, portanto, de uma das lacunas de um município que tanto investe em projetos culturais, espaços de lazer, meio ambiente, entre outros.

Não gostaria de encerrar esta resenha sem mencionar a primorosa edição feita pelo Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj) e pela Imprensa Oficial (Ioerj). Trata-se não apenas de um elogio, mas do reconhecimento ao trabalho realizado, mesmo enquanto a própria instituição enfrentava, e ainda enfrenta, uma crise de gestão e de manutenção de seu acervo. Apenas chama a atenção a ausência de identificação das fotografias utilizadas na capa e no interior do livro.

No mais, temos em mãos um trabalho que nos permite conhecer uma memória silenciada, subterrânea, da história de Niterói. Até o momento, não há qualquer monumento ou sinalização dos lugares para os quais a autora nos transporta ao longo das páginas de seu livro. De capital e cidade fabril com intensa mobilização de trabalhadores e trabalhadoras, Niterói tornou-se uma cidade de serviços ou dormitório para quem trabalha do outro lado

da baía de Guanabara. Cada vez mais gentrificada, embora orgulhosa de seus índices de desenvolvimento, Niterói ainda tem uma dívida de reparação com esses trabalhadores e com a sua própria história.

Recebido em: 30/05/2025

Aceito em: 16/06/2025